A INCLUSÃO DAS CRIANÇAS OBESAS: UM DESAFIO PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA

THE INCLUSION OF OBESE CHILDREN: A CHALLENGE TO THE PHYSICAL EDUCATION

Fabio Zoboli*
Alexandre Ramos dos Santos**

RESUMO

A existência de diferentes corporeidades é natural, mas a espécie humana tornou o encontro entre os diferentes um ato sujeito à arrogância e à prepotência. A escola e as aulas de Educação Física são locais onde estes encontros se concretizam; porém a educação escolar precisa pautar suas práticas em valores que transcendam tal comportamento, primando por valores éticos que radicalizem em favor da vida. Com essa perspectiva este artigo apresenta os modos como se dão as relações quanto ao convívio da criança obesa nas aulas de Educação Física bem como em todo o ambiente escolar. Coloca-se o corpo numa perspectiva crítica ante os seus usos e significados na atual conjuntura da sociedade e diante dos valores da ideologia de mercado. Com base nesta perspectiva, busca-se compreender de que maneira o convívio, em face do corpo obeso, interfere na formação dos hábitos dos alunos nas suas relações com o mundo e com outro.

Palavras-chave: Aulas de Educação Física. Corporeidade. Criança obesa. Inclusão.

O LUGAR DO CORPO OBESO NA ESCOLA

As diversas maneiras que o ser humano tem de se relacionar com o próprio corpo, de relacioná-lo com a sociedade, com o mundo e a natureza, ocorrem das mais variadas formas, de acordo com a cultura em que este está inserido. Essas maneiras de interação não são permanentes, pois se subordinam a mudanças, que são fruto do processo histórico da construção humana. Sendo assim, a corporeidade de cada indivíduo, além de revelar sua singularidade pessoal, também possui características que o definem como membro de um grupo social em determinado tempo.

O corpo atravessado pelas ideologias e necessidades socioculturais se torna multiforme e adquire vários sentidos. Dentro do seu processo histórico de construção, o corpo é constantemente (re)criado. A escola e as aulas

de Educação Física são agentes que contribuem para esta construção.

Para uma criança, a partir dos seis ou sete anos, a escola passa a ser um ambiente onde ela passa uma parte considerável do dia. A escola e as aulas de Educação Física, como espaços de socialização, apresentam-se como lugares fundamentais para a construção da personalidade da criança.

Na escola, muitas vezes, a corporeidade é colocada num sistema de interdição e privação. Isso se dá quando esta é desconsiderada nas suas condições de ser, dentro de sua complexidade; quando ela é privada de cuidado, dignidade e respeito no seu modo de “ser” humana – na condição de verbo.

No dia-a-dia de nossas escolas, percebemos um grande número de crianças com dificuldades de lidar com o próprio corpo. Não são raros os alunos que se envergonham de sua auto-imagem

* Doutorando em Educação pela Universidade Federal da Bahia, Professor do Departamento de Educação Física da FURB (Blumenau-SC) e da UNIFEPE (Brusque-SC).

** Especialista em Educação Física escolar pelo Instituto Catarinense de pós-graduação, Professor da rede pública estadual de Santa Catarina.

corporal. O aluno obeso (foco de nosso texto) é constante vítima da ridicularização dos companheiros, passando muitas vezes pela rejeição dentro do seu próprio grupo.

Quanta eliminação na hora de selecionar um time entre os próprios alunos, pois ninguém quer o menos apto física ou tecnicamente para aquele jogo. Os alunos obesos são muitas vezes excluídos das aulas de Educação Física porque ninguém quer perder na hora da brincadeira. Nestas situações é comum escutar um garoto obeso se queixar de que só é aceito no time de futebol para ser goleiro.

Percebe-se assim que os corpos que se desviam dos padrões de uma normalidade utilitária não interessam, como o que ocorre na ideologia de mercado. Trabalhando estes valores na escola se sustenta a manutenção do modelo elitista de corpo.

Para Afonso (2000), a escola é assim a agência da socialização na qual as crianças experimentam pela primeira vez um sistema institucionalizado de diferenciação com base na realização individual, o qual procura incutir a aceitação das regras de competição – seleção/exclusão – próprias da estrutura social e econômica.

Neste sentido Bourdieu (1998, p. 193) também contribui ao dizer que:

Não há dúvidas que os julgamentos que pretendem aplicar-se à pessoa em seu todo levam em conta não somente a aparência física propriamente dita, que é sempre socialmente marcada (através de índices como corpulência, cor, forma do rosto), mas também o corpo socialmente tratado (com roupas, os adereços, a cosmética e principalmente as maneiras de conduta) que é percebido através das taxionomias socialmente constituídas, portanto lido como sinal da qualidade e do valor da pessoa. [...] O héxis corporal é o suporte principal de um julgamento de classe que se ignora como tal: tudo se passa como se a intuição concreta das propriedades do corpo percebidas e designadas como propriedades da pessoa estivessem no princípio de uma apreensão e de uma apreciação globais das qualidades intelectuais e morais.

Sob esta óptica, a questão da corporeidade obesa pode ser vista como um aspecto que estrutura as relações de poder, na medida em que se atribuem a ela valores estéticos, dimensionando-a simbolicamente como inferior ou superior. Foucault (2000) menciona que o corpo passa assim a ser dominado por inúmeros signos que exercem sobre ele relações de poder, na medida em que precisa ser formado, corrigido e receber um certo número de qualidades.

Frente a todos estes confrontos que envolvem o convívio com a corporeidade obesa, percebe-se que é por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído. A cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre as várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade.

Um corpo, para ser bonito, hoje deve seguir a regra do mercado, ou seja, é fabricado um padrão visual e estético preestabelecido, que deve ser buscado e consumido pela sociedade. Este corpo-padrão inventado pelos dispositivos de poder é, na menção de Guerra e Pey (1996), transformado em objeto de produção e de consumo de bens e serviços pela lógica neoliberal; manipulado pelos *slogans*, pela publicidade massiva de uma sociedade de consumo; enganado pela massificação cultural, pelas frases feitas nos discursos da mídia. Os dispositivos de poder, segundo os autores, também utilizam os meios de comunicação de massa para captar e administrar os desejos, pensamentos e ações dos corpos, transformando-os em necessidades adquiridas. O corpo também é controlado pelos conceitos éticos e culturais alienantes, que manipulam os nossos desejos segundo os interesses de uma minoria privilegiada, além de ser dominado pelos discursos das práticas esportivas e considerado como corpo-máquina pelo modelo biomédico dominante e pela educação.

Neste início de século XXI, o padrão estético de corpo caracteriza-se pelo biotipo longilíneo e magro, em que “um quilinho a mais” faz muita diferença e onde, para se

delinear um grupo muscular, não são poupados esforços. Esta distorção de valores é comentada por Alves (1986, p. 41) quando fala dos hábitos desenvolvidos pela Educação Física nos seus modos de tratamento no que tange às questões relacionadas à corporeidade humana. Diz ele que:

Quanto a mim, valorizo o sono tranquilo, coisa que nunca se celebrou nas Olimpíadas mas que deveria ser um dos grandes direitos universais dos seres humanos. Poucas pessoas, neste mundo, irão jamais correr os 100 metros rasos. Mas todos temos que dormir.... mas não me consta que coisas relativas ao dormir bem se encontrem nos currículos da Educação Física. Talvez porque não se considere que o corpo dormindo seja corpo.

COMPLEXIDADE: UM PARADIGMA PARA FUNDAR A INCLUSÃO DAS DIFERENTES CORPOREIDADES

A inclusão das diferentes corporeidades acredita-se transcender qualquer tipo de política; ela passa essencialmente por uma nova compreensão nas concepções de corpo, ou melhor, na significação de corporeidade. Neste sentido Santin (1990) ressalta que o caminho para encontrarmos os aspectos filosóficos da corporeidade, sem dúvida, não conduz diretamente ao corpo do homem, mas às diferentes compressões que, ao longo da história das culturas, a humanidade desenvolveu a respeito do mesmo.

Na cultura ocidental há tempos vem se difundindo a visão de ser humano a partir da cisão corpo/mente. Este paradigma de cisão, somado à visão compartimentada e mecanicista de ser humano – elaborada a partir dele – limita por demais as questões relacionadas à compreensão do homem como ser múltiplo e complexo. Por isso, segundo Sérgio (2003), a Educação Física tradicional, vítima do paradigma cartesiano da velocidade, da resistência, da impulsão, etc., não pode dar saúde, porque lhe falta um trabalho em nível da complexidade, estruturado de acordo com o ego pensado e pondo de lado o multipensante, isto é,

centrado mais sobre a facticidade quantitativa e menos sobre a realidade qualitativa. Separar, no homem, o físico da pessoa significa dizer que, na ação, o ser humano não utiliza todas as suas potencialidades, e sim, só algumas.

Cada ser humano é um corpo singular, pois o seu estar no mundo estabelece relações diferentes com o seu vivido. A experiência de vivência de mundo de cada ser humano é diferente, na medida em que cada dimensão se estrutura e interage com as outras a partir de sua vivência singular. Cada um vê o mundo a partir de suas experiências de vida – o que é errado para mim pode ser o certo para você, ou pode ser o errado para mim daqui a algum tempo.

O corpo é uma unidade de multiplicidades. Multiplicidades porque o corpo é ao mesmo tempo social, biológico, psicológico, transcendente e sagrado. Unidade porque ele é ele, e não outro; é um conjunto único diferente de todos os demais.

As interações entre as diversas dimensões do humano acontecem em números incontáveis e incalculáveis. Um corpo – ser humano – é produzido pelas inúmeras interações que se dão nas várias dimensões, produzindo a sua unidade organizada. A cada momento o corpo se auto-(re)organiza, pois suas interações se realizam numa relação entre a ordem e a desordem inacabada e inconclusa.

É evidente que todas estas multidimensionalidades na unidade não são regidas de modo linear, e sim, por uma rede de complexidades. A complexidade é aquilo que tenta conceber a articulação, a interação, a identidade e a diferença de todas estas dimensões. A complexidade, para Morin (2000, p. 188),

é o que está junto; é o tecido formado por diferentes fios que se transformaram numa só coisa”. Isto é, tudo se entrecruza, tudo se entrelaça para formar a unidade da complexidade; porém, a unidade d *complexus* não destrói a variedade e a diversidade das complexidades que o teceram.

O ser humano se auto-(re)organiza e ele assim procede como tudo que tem vida: a partir de sua unicidade, de suas multiplicidades, de

suas vivências e experiências de mundo. Ele o faz de modo individual e constante, assim como todos e como tudo.

A concepção de complexidade rejeita a idéia de simplificação, previsibilidade, determinação e irreversibilidade. Do ponto de vista da complexidade, nunca poderíamos nos referir a cérebros que pensam, mas sim, á corporeidade pensando. Nunca poderíamos classificar as pessoas como portadoras de necessidades especiais, bonitas, negras, obesas, sensuais, velhas; e sim como seres únicos e diferentes.

O sentir, o pensar e o agir, que na menção de Gonçalves (1997) caracterizam a corporeidade humana, fica mais claro serem compreendidos a partir de uma visão de corpo complexo que se auto-(re)organiza. Por exemplo: as relações entre o pensar e o sentir dão bases ao movimento-ação. Este agir apreende em si sua significação individual de mundo e tem o corpo como sua principal referência (as relações entre o sentir, o pensar e o agir não acontecem necessariamente nesta ordem, mas também nessa e em muitas outras).

O portador de necessidades especiais, por exemplo, passa a ser assim uma pessoa que, em decorrência de algum trauma adquirido ou de alguma anormalidade hereditária ou congênita, passa a apresentar alguma dificuldade de pensar, de agir ou de sentir, assim como acontece com todos os seres humanos, , guardadas as devidas proporções.

Uma pessoa que perdeu os movimentos das pernas e para se relacionar com o outro e com o mundo faz uso de muletas, simplesmente possui uma dificuldade no seu agir, e isso não significa que ela não pense, não sinta ou simplesmente não aja mais. Ela agora age de modo diferente. As crianças obesas nas aulas de Educação Física sofrem da exclusão por não conseguirem se movimentar direito devido a sua corpulência, elas também então devem ser consideradas pessoas portadoras de necessidades especiais?

Neste sentido Sérgio (2003) afirma que não há pessoas deficientes, há simplesmente pessoas diferentes. De Educação Especial, menciona o autor, é bem possível que todos precisamos.

A educação, e a Educação Física como parte dela, trazem em suas trajetórias fortes resquícios de comprometimento ético, porém falta-lhes

incorporar as grandes descobertas no que tange às novas concepções de ser humano enquanto corporeidade que pensa, sente e age de modo complexo e em constante auto-(re)organização. O passado existe para ser respeitado, mas também para ser reabsorvido e superado.

Na menção de Marques (2001), a diferença não deve, pois, se constituir num critério de hierarquização da qualidade humana. Independentemente da condição existencial de cada um, todos são igualmente humanos, com o mesmo valor existencial. Assim, o que se deve considerar é a diferença na totalidade e a totalidade na diferença, sem se prender à prejudicial polarização do normal (igual), de um lado, e do diferente (desigual) do outro.

Na sua proposta de contribuir para as boas relações entre os diferentes, D'Ambrósio (1999) apresenta “a ética à diversidade” fundamentada em três pilares: o respeito (pelo outro com todas as suas diferenças); a solidariedade (com o outro na satisfação das necessidades de sobrevivência e transcendência) e a cooperação (com o outro na preservação do patrimônio natural e cultural comum).

A inclusão não consiste apenas em aceitar um diferente em nosso meio. Esta, segundo Forest e Pearpoint (1997, p. 138), é a menor parte do quebra-cabeça. Para estes autores:

Inclusão trata sim, de como nós lidamos com a diversidade, como lidamos com a diferença, como lidamos (ou como evitamos lidar) com a nossa moralidade [...] inclusão não quer absolutamente dizer que somos todos iguais. Inclusão celebra sim, nossa diversidade e diferença com respeito e gratidão. Quanto maior a nossa diversidade, mais rica é a nossa capacidade de criar novas formas de ver o mundo [...] inclusão é reconstruir nossos corações e nos dar as ferramentas que permitam a sobrevivência da humanidade como uma família global.

Não se pode reduzir a inclusão das diferentes corporeidades em educação e Educação Física a uma simples questão de tolerância e respeito. Pois, como diz Silva (2000), por mais edificantes e desejáveis que possam parecer, esses nobres sentimentos

impedem que vejamos a identidade e diferenças como processos de produção social, como processos que envolvem relações de poder. O autor lança a proposta de se trabalharem as diferentes identidades da seguinte forma:

A pedagogia e o currículo tratariam à identidade e a diferença como questões de política. Em seu centro, estaria uma discussão da identidade e diferença como produção. A pergunta crucial a guiar o planejamento de um currículo e de uma pedagogia da diferença seria: como a identidade e a diferença são produzidas? Quais são os mecanismos e as instituições que estão ativamente envolvidos na criação da identidade e de sua fixação? (SILVA, 2000, p. 99).

O respeito ao outro a partir de sua complexidade e diferenças e a empatia (se colocar no lugar do outro) são valores muito importantes nas relações com as diferenças e os diferentes. Conforme Morin (2001), a religião deve substituir e apelar à “simbiosofia” (sabedoria de viver junto). A unidade, a mestiçagem e a diversidade devem se desenvolver contra a homogeneização e o fechamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

THE INCLUSION OF OBESE CHILDREN: A CHALLENGE TO THE PHYSICAL EDUCATION

ABSTRACT

The existence of different kind of bodies is natural, but human being change this difference as a subject turned on arrogance and prepotency. The school and classes of Physical Education are places where these meetings are real. However, the school education needs put its practices in values which transcend this kind of behavior prioritizing ethical values turned on life. In this perspective, this article presents how the human relations occur when an obese child faces a Physical Education class as well as the entire school environment. The human body is placed in a critical perspective against its uses and meanings in the current reality at the society and in the values of the market ideology. Based on this perspective, this study aimed to understand how the coexistence facing an obese body interferes in the habit construction of the students in their relationship in the world and with other persons.

Key words: Physical education classes. Body conscience. Obese child. Inclusion.

REFERÊNCIAS

AFONSO, A. J. **Avaliação educacional:** regulação e emancipação: para uma sociologia das políticas avaliativas contemporâneas. São Paulo: Cortez, 2000.

ALVES, R. O corpo e as palavras. In: BRUHNS, H. T. (Org.). **Conversando sobre o corpo.** Campinas: Papirus, 1986. p. 17-42

Percebeu-se pelo acima exposto que nas aulas de Educação Física, bem como no ambiente escolar, a diferença não tem chance de se manifestar. E se a diferença não aparece, nunca teremos pessoas, mas sim, apenas indivíduos no ambiente escolar. Ao sufocar a diferença, a Educação Física acaba por gerar a pobreza cultural, oriunda da falta de diversidade. Ao reconhecer e valorizar as diferenças, ela estará dando chances à subjetividade humana de se manifestar e se realizar em cada ação humana.

É importante na Educação Física escolar discutir e aprofundar estas questões com o intuito de criar condições de reflexão, interpretação e decodificação dos signos criados na sociedade com relação ao corpo obeso. É preciso realizar um trabalho que dê base teórica e prática ao objetivo de gerar valores que radicalizem em favor da vida e engajamento responsável e crítico na luta por um corpo ameaçado pela barbárie.

A concepção de ética voltada ao ser humano – corpo – precisa estar fundada em um arbítrio cultural que o considere como complexidade que se auto-(re)organiza, para que possa haver a afirmação de princípios como o da consciência da totalidade e o respeito às diferenças, e a partir de então, possam ser criadas novas anatomias e novos mundos onde seja possível (com)viver com as diferentes corporeidades de modo verdadeiramente digno.

BOURDIEU, P. Escritos de educação. In: Nogueira, M. A.; Catani, A. (Orgs.). **As categorias do juízo professoral.** 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 185-216.

D'AMBRÓSIO, U. **Educação para uma sociedade em transição.** Campinas: Papirus, 1999.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir:** história da violência nas prisões. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

FOREST, M.; PEARPOINT, J. **Inclusão**: um panorama maior. In: MANTOAN, M. T. E. **A integração de pessoas com deficiência**: contribuições para uma reflexão sobre o tema. São Paulo: Memon, 1997. p. 137-141.

GONÇALVES, M. A. S. **Sentir, pensar, agir**: corporeidade e educação. 2. ed. Campinas: Papirus, 1997.

GUERRA, A. F. S.; PEY, O. **Das tecnologias de poder sobre o corpo a vivência da corporeidade**: a construção da oficina como espaço educativo. 1996. Dissertação (Mestrado em Educação)-UFSC, Florianópolis. .

MARQUES, L. P. **O professor de alunos com deficiência mental**: concepções e prática pedagógica. São Paulo: UFJF, 2001.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SANTIN, S. Aspectos filosóficos da corporeidade. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 11, n. 2, p. 136-45, jan. 1990.

SÉRGIO, M. **Algumas teses sobre o desporto**. 2. ed. Lisboa: Compendium, 2003.

SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-102.

Recebido em 01/03/05

Revisado em 01/06/05

Aceito em 10/06/05

Endereço para correspondência: Fabio Zoboli e Alexandre Ramos dos Santos. Rua Noruega 257, Bairro das Nações, CEP: 89 120-000, Timbó-SC. E-mail: zobolito@terra.com.br e seuxandi@ig.com.br